

Escola vive impasse entre limites e autoridade

Fotos de Evaristo Borges

Cláudia Feliz

Entre as muitas crises vividas pela escola encontra-se a da autoridade. A falta de disciplina dos estudantes, que muitas vezes transferem para o ambiente escolar os conflitos vividos em casa, angustia professores, que às vezes não sabem como lidar com a situação. Há quem diga, como o filósofo e professor de Didática e Pensamento Pedagógico Brasileiro, da Ufes, Izac Thompson, que o medo de ser autoritário fez com que o professor perdesse a sua autoridade nos últimos anos. A psicanalista Maria Luiza Zanotelli, por sua vez, diz que se estabeleceu um pingue-pongue no qual a escola aponta problemas na família e vice-versa. "Os campos de atuação não estão bem delimitados e a confusão gera mais impasse do que crescimento", diz ela. Em Vila Velha, o Colégio Marista voltou a adotar regras mais rígidas depois de uma fase em que os alunos "faziam o que queriam na escola".



Exigir demais dos alunos pode levar da autoridade ao autoritarismo; nesse dilema, está armado o conflito

Indisciplina leva Marista a rever normas

O "Não dá para trabalhar num clima em que os jovens fazem o que querem, não vivenciam valores". O desabafo é do diretor do Colégio Marista, em Vila Velha, Ângelo Braz Bissoli. A escola, religiosa e tradicional, desde dezembro fez voltar à cena antigas regras disciplinares, depois de uma experiência administrativa de três anos durante a qual, na avaliação da atual direção, o estabelecimento acabou perdendo seu referencial. Ainda hoje, há quem aplauda e quem torça o nariz para as mudanças.

Bissoli diz que professores não tinham mais como exercer sua autoridade em sala de aula porque os alunos, simplesmente, não levavam a sério as normas. "Cada vez mais, tarefas não eram cumpridas e alunos faziam o que bem entendiam na escola", diz ele, citando como exemplo o fato de muitos estudantes faltarem às provas previamente marcadas por até três vezes

consecutivas, desafiando a autoridade do professor em sala de aula. Uma verdadeira intervenção resultou na demissão de dez pessoas dos quadros da instituição.

Limites

O diretor Bissoli parte do princípio de que o aluno não tem que estabelecer limites para si mesmo. "Noções de limite têm que ser conhecidas pelas pessoas desde a infância. A escola não pode formar totalmente um indivíduo", comenta. No dia-a-dia do Colégio Marista pós-mudanças, pais de alunos que deixam de fazer três tarefas são chamados à escola. Se o aluno deixa de cumprir seis tarefas é suspenso por um dia. Por semana, duas provas estão sendo aplicadas, como forma de "educar os estudantes para o estudo diário". Os bonés, objetos de desejo de muitas crianças e adolescentes, já não podem mais ser ostentados

nas cabecinhas que freqüentem o local. "Boné não faz parte do uniforme", lembra o diretor, frisando também que o rigor do horário voltou a ser praticado.

Ele frisa que o processo de reestruturação visa à "excelência acadêmica e ao ensino sério", lembrando que a proposta é fazer valer o respeito e a responsabilidade, "mantendo-se a liberdade". O diretor não nega que alguns pais fazem parte do coro de descontentes em relação às novas medidas. Uma mãe retirou sua filha da sala de aula e solicitou a transferência da menina da escola por não aceitá-las. A volta dos deveres de casa, por exemplo, desagrada àquelas que, na visão de Bissoli, não têm tempo para dedicar aos filhos em casa e querem que as tarefas sejam cumpridas totalmente no colégio. "Lá fora, tudo contribui para que a criança não tenha compromisso nenhum", diz ele.

■O que seria a escola ideal? A resposta vai depender, é claro, do ângulo de visão daqueles que vivenciam o cotidiano dessa instituição. Alguns estudantes do 1º grau da Escola Eber Louzada Zippinotti demonstram estar divididos entre o desejo da escola sem regras e aquela com normas necessárias para que se alcance o objetivo da aprendizagem. "A ideal seria que a gente não fizesse provas", diz Raphael Bastos, 14 anos, aluno da 7ª série. Seu colega da 8ª série, Pedro Henrique Silva Penado, 13, se contrapõe à sugestão, dizendo: "Escola sem prova é ideal para quem não gosta de estudar". Raphael vive o seu primeiro ano de escola pública e faz críticas aos professores que usam do poder que a função lhes confere para desprezar os alunos. Entre os alunos existe o conceito de que "professor com moral" é aquele que se impõe perante a turma, sem deixar que a indisciplina tome conta da sala de aula. "O professor tem que ser duro até certo ponto", diz Marcelo Altoé, 14.

Filósofo vê equívocos

O filósofo e professor da Ufes Izac Thompson busca referências históricas para explicar um tema que seus alunos, muitos já atuando no magistério, costumam levar, com freqüência, para as aulas dos cursos de graduação do Centro Pedagógico: a indisciplina dos estudantes de 1º e 2º graus. Thompson diz que as transformações do mundo levaram, entre outros resultados, ao direito à individualidade. Mas que o medo de ser autoritário – depois da fase do autoritarismo – fez com que o professor perdesse a sua autoridade de professor. "O educador possui uma anterioridade histórica da qual não pode abrir mão. Se isso acontece, ele permite que um outro autoritarismo, o do aluno ou de outro setor da escola, prevaleça", argumenta.

Izac Thompson lembra que, historicamente, há duas tradições pedagógicas básicas: a da escola tradicional, que enfatizava e centralizava o poder e o conhecimento na instituição e no professor, e a da escola renovada, que descentralizou esse poder, passando-o para o aluno. "O equívoco foi não se ter centralizado nas relações internas escolares. Passou a ser moderninho dizer que a escola respeitava os alunos, os pais...", critica.

Regras

Ele lembra que o professor é um mediador na construção do conhecimento e que essa construção inclui regras. "Disciplina não é o contrário de indisciplina. É um conjunto de normas estabelecidas para que se conquiste objetivos. Quando os objetivos educacionais são claros, é mais fácil estabelecer as regras. Mas muitos professores apenas cumprem os rituais de disciplina. Apelar para o silêncio da classe, simplesmente, não funciona", comenta.

Na sua opinião, o educador não pode negociar princípios inegociáveis. "A educação escolar tem regras e o processamento escolar é uma domesticação do corpo do indivíduo, seu enquadramento. A indisciplina pode ser a demonstração de uma resistência a essa domesticação", diz ele, fazendo questão de frisar: "Como ficamos perdidos entre dois modelos de escola, tornamo-nos incompetentes, porque não sabemos voltar e nem ir em frente".

Pais ausentes geram problema

A psicanalista Maria Luiza Zanotelli diz que se estabeleceu um verdadeiro pingue-pongue no qual a família aponta problemas na escola e vice-versa. Tal situação, decorrente do fato de os campos de cada um dos lados não estarem bem delimitados, cria, segundo ela, uma confusão que gera mais impasse do que crescimento.

"A escola tem como função a transmissão de saberes. Para que isso aconteça, não há como invadir a privacidade do aluno. A escola não dá conta, por exemplo, de tornar uma criança mais feliz, porque isso tem a ver com o seio familiar. Por outro lado, a ausência familiar faz com que a escola se sinta, às vezes, na obrigação de repassar regras comportamentais, abrindo mão de sua função elementar", diz ela.

Medo

Maria Luiza diz que há, hoje, pais preocupados com o não-desenvolvimento da aprendizagem dos filhos e outros com o medo de errar. "Os pais que não suportam suas falhas são tão sufocantes quanto os autoritários. E acabam criando, em casa, pequenos autoritários. Não se colocam por não suportar a rivalização", diz ela, admitindo que muitas vezes pais e escolas se omitem, deixando de exercer sua autoridade.

Em relação ao que ela define como falsa imagem do construtivismo – aplicado em várias escolas públicas e privadas –, a psicanalista diz que muito de equivocado se faz em torno dessa linha de educação. "No construtivismo a criança não tem que fazer o que quer e o professor simplesmente aceitar. Isso gera descompromisso. O professor tem que definir as regras, os instrumentos", argumenta.

A psicanalista lembra que responsabilidade e autoridade antecedem à escola. "Se os pais querem filhos responsáveis, têm que se lembrar que há, nisso, uma responsabilidade que é sua", comenta. Diz também que escola não é só para estabelecer limites e disciplina, e que o investimento nesses campos começa antes e vai além dos estabelecimentos de ensino. "Há determinados professores que têm dificuldade de saber qual é o seu papel. Crianças e adolescentes estão sempre testando os adultos. Quando isso se torna paralisante, com agressividade, é preciso que haja intervenção".

Professores divergem de opinião

Do alto de seus 61 anos de idade, dos quais dedicados ao magistério, o professor Milton Saliba, atual diretor da escola estadual Maria Ortiz, admite: "Ainda não encontramos um meio termo. O professor do passado exercia autoridade demais, e de hoje exerce de menos". Saliba entende que os tempos mudaram, diz que os baixos salários e a desvalorização da carreira fazem com que o estudante veja o professor como "um sobrevivente", o que contribuiria para o desrespeito. Também se queixa dos pais ausentes e da dificuldade de se praticar a ordem, o respeito e a disciplina na escola desses tempos modernos.

Mas há quem entenda, como a coordenadora da escola São Vicente de Paulo, da rede municipal de Vitória, Therezinha Amoury Carneira — ela atua há 21 anos na mesma função e no mesmo colégio — que o respeito, hoje, é visto de forma diferente. "Para o aluno, falar o que antes era um palavrão, como a palavra porrada, é algo natural", comenta. Além de ressaltar a necessidade do apoio da família, a coordenadora entende que problemas de ordem comportamental po-

dem ser resolvidos — ou evitados — quando o professor se aproxima mais do aluno, tentando compreendê-lo e conquistando sua confiança. "Há pais que dizem não saber como agir com seus filhos em casa. E aqueles com quem mais precisamos conversar são os que menos vêm à escola", diz ela.

Dificuldades

Professor de Matemática, Gelson Freire Azevedo, 26, não viveu os tempos de autoritarismo da escola tradicional, mas acha que a atual está com sua autoridade abalada. "O problema é que se liberou demais e os alunos não sabem aproveitar o que a democracia lhes oferece", diz, com um certo ceticismo. Azevedo explica que o professor, dividido entre muitos empregos, acaba não tendo condições de conversar, descobrir possíveis causas das dificuldades enfrentadas pelos alunos, muitas vezes expressas no que considera falta de limites.

Para o diretor Pedagógico do Colégio Nacional, Manoel de Souza Miranda, a disciplina tem que ser vista como instrumento da liberda-

de e não do seu cerceamento. Na sua avaliação, desde a década de 70 houve a perda de um valor importante, que é o respeito pelo outro. "A Educação se tornou mais liberal, sem infra-estrutura, e pessoas foram educadas sem limites porque a noção de liberdade foi distorcida. Em muitas situações, entre aluno e professor há o desconhecimento do fator respeito", diz ele.

Manoel Miranda lembra que a criança tem que ser educada para ser cidadã. "Muitas vezes, a escola precisa ajudar a família a redescobrir sua autoridade. Os alunos estão doidos por firmeza, por uma disciplina dialogada. Eles trazem para a escola a sociedade que vêm nas relações que estabelecem fora daqui", comenta o diretor.

Milton Saliba, que fez voltar ao Maria Ortiz a obrigatoriedade de alunos e professores cantarem hinos em datas cívicas, acha que um dos problemas é o fato de muitos pais "empurrarem" para a escola a responsabilidade pela educação dos seus filhos. Além disso, ele cita um outro: a existência de professores que não se impõem perante as turmas.

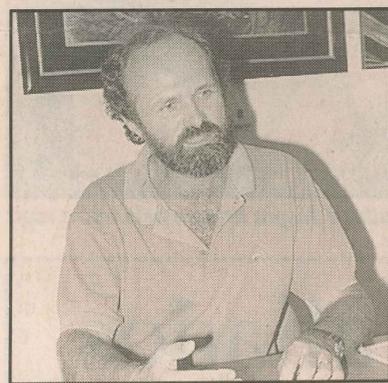
Conselho pulveriza as decisões

Localizada no bairro de classe média de Jardim da Penha, em Vitória, a escola municipal Eber Louzada Zippinotti tem mais de 1.200 alunos, 80% dos quais egressos de mais de 30 escolas particulares — reflexo, em parte, da queda do poder aquisitivo das famílias. E é em meio à diversidade de opiniões e comportamentos que reina no local que o diretor Vítorio Felsky tenta administrar o colégio, submetido ao Conselho de Escola, formado por representantes de pais, alunos, professores, servidores administrativos e comunidade.

Felsky explica que os conselhos atuam em todas as escolas da rede municipal de ensino, desde a administração passada da Prefeitura de Vitória. Diz que as escolas não podem expulsar alunos — caso seja necessário, a transferência de um estudante para estabelecimento da própria rede pode ser feita, mediante análise da situação pelo conselho. O diretor admite que há, tanto de parte de pais quanto de professores, opiniões divergentes em relação à aplicação de medidas disciplinares na escola.

Benevolência

"Há pais que não aceitam a sus-



Felsky: fogo cruzado de opiniões

penção do filho e há os que acham que há benevolência", diz ele, citando também o fato de alguns professores cobrarem normas mais rígidas e outros criticarem determinadas ações que consideram brandas. Felsky diz que os educadores, em muitas situações, sentem-se angustiados quando não conseguem ajudar alunos que apresentam um potencial maior de agressividade ou falta de limites, porque vivenciam problemas na família. "Geralmente, são os filhos de pais ausentes da escola os que mais trazem problemas. Porque se em casa os limites não são estabelecidos, o po-

der de fogo dos professores torna-se limitado", argumenta.

O diretor admite que um professor precisa ter domínio de turma e também de conteúdo para se impor diante dos alunos, e critica a universidade e as escolas de formação do magistério por não prepararem profissionais que saibam lidar com situações de conflito. Segundo ele, com a abertura, após o período de autoritarismo na sociedade, "caímos no extremo de não saber como nos comportar". Felsky diz que, em família, os pais têm que negociar mais, porque os filhos já não aceitam tudo o que lhes é dito. "Na escola essa relação se reproduz e o professor é mais questionado. Acho que pais e professores têm que ser mais preparados", diz ele.

No bairro Maria Ortiz, professores da escola Juscelino Kubitschek, que preferem não se identificar, criticam a ausência da família, que transfere para a escola a responsabilidade pela educação dos seus filhos, mas também citam problemas de ordem administrativa. "Na rede municipal de Vitória há carência de professores em diversas disciplinas e desestímulo dos profissionais devido aos salários pagos", dizem eles.

'Strip-tease' provoca expulsão

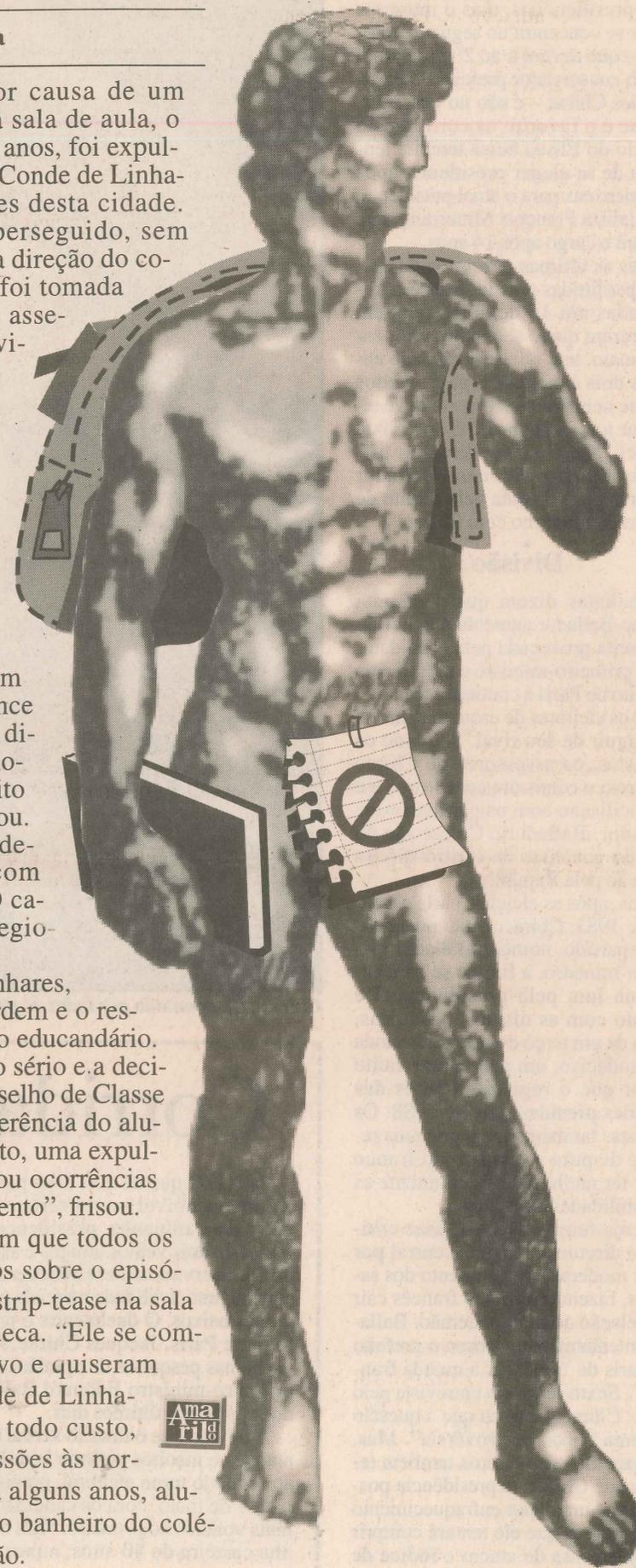
Ivan Batista

Colatina (Sucursal) — Por causa de um strip-tease que fez dentro da sala de aula, o estudante Sidnei Cardoso, 21 anos, foi expulso da Escola de 1º e 2º Graus Conde de Linhares, um dos mais importantes desta cidade. Ele alega que está sendo "perseguido, sem chance de se defender", mas a direção do colégio garantiu que a decisão foi tomada como forma de moralização, assegurando ainda que o aluno vinha se comportando como um "líder negativo".

Sidnei Cardoso, que cursa o primeiro ano do 2º grau, procurou a imprensa para denunciar "perseguições" da diretora Luíza Varnier e do coordenador Wellington Tadeu. "Não é verdade que eu fiz strip-tease, apenas tirei a camisa na sala, durante uma aula vaga. Me expulsaram do colégio sem nenhuma chance de defesa. Implantaram uma ditadura jamais vista no curso noturno. Os alunos não têm direito a reclamar de nada", denunciou. Um grupo de 19 alunos que defendeu Sidnei foi punido com uma semana de suspensão. O caso foi parar no Subnúcleo Regional de Educação da Sedu.

A diretora do Conde de Linhares, Luíza Varnier, afirma que a ordem e o respeito precisam ser mantidos no educandário. "Estamos fazendo um trabalho sério e a decisão não foi precipitada. O Conselho de Classe se reuniu e decidiu pela transferência do aluno, não caracterizando, portanto, uma expulsão. Temos provas e ele assinou ocorrências sobre seu péssimo comportamento", frisou.

A diretora explicou também que todos os professores foram consultados sobre o episódio. Sidnei, segundo ela, fez strip-tease na sala de aula, ficando apenas de cueca. "Ele se comportou como um líder negativo e quiseram causar uma rebelião no Conde de Linhares. A ordem será mantida a todo custo, não iremos permitir transgressões às normas da escola", sustentou. Há alguns anos, alunos explodiram uma bomba no banheiro do colégio provocando grande agitação.



Ama
fil